

**Hugo de São Vitor**

**QUATRO LIVROS SOBRE  
A ARCA DE NOÉ MORAL**

**PRÓLOGO**

Certa vez estava eu sentado em uma reunião junto com meus irmãos, eles me perguntando e eu respondendo. Muito se falou. No entanto, tudo convergiu para este ponto: estávamos todos admiradíssimos da imensa instabilidade e inquietação do coração humano. A partir daí começamos a suspirar. Pediam-me insistentemente, com grande desejo, que pudesse expor-lhes qual seria a causa pela qual se produz tanta desordem de pensamentos no coração do homem. Em seguida, se existisse alguma arte ou trabalho por cujo exercício fosse possível dar remédio a tão grande mal.

Em suma, mostraram-se dispostos a ser ensinados sobre este assunto, mesmo que isto lhes custasse o maior de todos os trabalhos. Nós, na medida em que o pudéssemos fazer pela inspiração divina, desejando satisfazer à caridade dos irmãos em ambas estas coisas, conduzidos tanto pela autoridade [*das Escrituras*] como pela razão, passamos a dedicar-nos a investigar o ponto central de ambas as questões.

Sei que, quando apresentei a colação, algumas coisas agradaram de modo especial aos irmãos.

Quis, por isso, redigir tudo em um estilo muitíssimo cuidadoso, não porque julgue que eu seja digno de o escrever, mas porque reconheço, com alegria, que de alguma forma ali havia algo até então inaudito.

Vamos portanto mostrar, em primeiro lugar, de onde se origina tanta mutabilidade no coração do homem, para em seguida examinar como a mente humana pode ser reconduzida a uma paz estável, e apontar como ela poderá conservar-se nesta mesma estabilidade.

Não duvido que isto seja trabalho próprio da graça divina. Isto pertence não tanto à indústria humana quanto ao favor divino, e o possuímos pela inspiração do Espírito Santo.

Sei, todavia, que Deus deseja cooperar conosco e nos concede gratuitamente os dons de sua piedade, de tal modo que também aos ingratos lhes subtrai com freqüência o que lhes havia concedido.

Mais ainda, por isso mesmo, não é inútil conhecer

o tamanho de nossa enfermidade e o modo de sua reparação, pois quem não conhece quanta graça lhe foi concedida, não entenderá quantas graças deverá dar a quem as tenha concedido.

No início o homem foi criado para que, se não pecasse, sempre permanecesse pela contemplação na presença da face do Criador e isto de tal maneira que, vendo-O sempre, sempre O amasse e, sempre amando-O, sempre a Ele estivesse unido e, sempre a Ele unido, sendo Ele imortal, possuísse também em si mesmo a vida sem fim.

Este, portanto, era o único e verdadeiro bem do homem, o pleno e perfeito conhecimento de seu Criador. Pleno, a saber, segundo aquela plenitude que havia recebido ao ser criado, não segundo aquela que, após ter obedecido, haveria de receber.

Mas o homem foi expulso da face de Deus porque, devido ao pecado, ferido pela cegueira da ignorância, perdeu a intimidade da contemplação daquela luz. Com isto a sua mente deslizou mais profundamente aos desejos terrenos, com o que mais e mais passou a esquecer-se da doçura do que é supremo, cujo gosto já havia perdido. Tornou-se, deste modo, um ser errante e prófugo sobre a terra.

Tornou-se errante pela desordem da concupiscência, e prófugo pela sua consciência pecadora. Sua voz corretamente acrescentou:

*"Todo aquele que me encontrar,  
haverá de me matar" (Gen. 4, 14).*

A mente, deste modo, abandonada pelo auxílio divino, é vencida ao ser assaltada por qualquer tentação.

O coração humano que, preso no amor divino, antes permanecia estável e, amando a um só, permanecia em sua unidade, passou a derramar-se pelos desejos terrenos e como que se dividiu em tantas coisas quantas são as que cobiçou.

Aconteceu assim que a mente, que não soube amar o verdadeiro bem, nunca poderá tornar-se estável porque não encontra o fim do seu desejo nas coisas que abraça enquanto seu desejo permanece naquilo que não pode obter e em que não pode repousar.

Daqui se origina aquele movimento sem estabilidade, aquele trabalho sem repouso, aquela viagem sem destino. De onde que nosso coração sempre estará inquieto até que comece a unir-se a Ele, onde se regozijará por nada faltar ao seu desejo e confiará que o que ama sempre haverá de permanecer.

Eis que mostramos a enfermidade do coração flutuante, do coração instável, do coração inquieto.

E também a causa da enfermidade, a saber, o amor do mundo.

E o remédio da enfermidade, o amor de Deus, ao qual será necessário acrescentar a quarta coisa, como se obtém o remédio, isto é, como podemos alcançar o amor de Deus, sem o que saber todo o resto de pouco ou nada ajudará.

**Hugo de S. Vitor**

**TRATADO SOBRE  
A ARCA DE NOÉ**

**LIVRO IV**

**CAPÍTULO I**

**ONDE E COM O  
QUE É EDIFICADA  
A CASA DE DEUS**

Queremos falar sobre a edificação da casa do Senhor, se nós que somos indignos para falar de algo tão grande, pudermos dizer algo dignamente.

Mas se não o somos capazes por nós mesmos, poderoso é o Senhor para nos emprestar a capacidade, sem o que dignamente não digo falar dela, mas nem sequer seremos capazes de pensar algo idôneo a seu respeito.

Em primeiro lugar deveremos assinalar o lugar em que importa edificar a casa do Senhor.

Em seguida, descrever-lhe a matéria.

O lugar é o coração do homem, a matéria são os pensamentos puros.

Ninguém se escuse. Ninguém diga:

*"Não posso edificar uma casa para o Senhor, minha grande pobreza não será suficiente para tantas despesas, sou estrangeiro e peregrino, vivo em terra alheia, não possuo nem sequer o meu próprio lugar. Este é um trabalho para reis, este é um trabalho para muitos povos. Como eu poderia edificar uma casa para o Senhor?"*

Ó homem! Por que pensas assim? Não é isto o que o teu Deus te exige.

Não te pede para comprares um terreno alheio, não te pede para ampliar os seus pátios. Ele quer habitar no teu coração. É este que deves ampliar, é este que deves dilatar. Dilata, digo, porque grande é o Senhor, e não sabe morar em lugar estreito. Dilata, portanto, o teu coração, para que possas conter Aquele a quem o mundo não pode conter. Dilata o teu coração, para que possas merecer ter a Deus como hóspede e não,

como é costume entre os homens, um hóspede por uma noite, mas um morador eterno.

Dilata, portanto, o teu coração. Mas se tu não o consegues dilatar, Ele mesmo o dilatará, conforme disse alguém que certa vez o teve dilatado por Ele:

*"Corri pelo caminho dos teus mandamentos, ó Senhor, pois dilataste o meu coração" (Salmo 117).*

E quanto às despesas, o que direi? Não será necessário atravessar os mares, nem explorar terras desconhecidas para comprar pedras preciosas, mármore escolhidos, nem transportar por navios através de mares perigosos cedros enormes do Líbano, ou reunir não sei quantos milhares de inúmeros artífices, desfancalndo tesouros de reis.

Nenhuma destas coisas te são pedidas. Em vez disso, de ti mesmo construirás uma casa para o Senhor teu Deus. Tu serás o próprio artífice, o lugar será o teu coração, e a matéria serão os teus pensamentos.

Não temas a tua imperícia. Quem te pede estas coisas, Ele mesmo é um artífice perito, e



transforma em artífice a quem Ele quiser. Aprendemos pelo testemunho das divinas Escrituras que muitos foram ensinados por Ele. Ele mesmo ensinou Noé a fabricar a Arca. Ele também mostrou a Moisés o modelo a cuja semelhança fabricaria a Arca (da Aliança). Foi Ele quem ensinou a Beseleel. A Sabedoria iluminou a Salomão para que edificasse um templo para o seu Nome. Fêz também de Paulo Apóstolo um arquiteto (I Cor. 3, 10), e a tantos outros que seria longo enumerar.

E, finalmente, ninguém se tornou douto que não tenha aprendido dEle e de todos que mereceram aprender dele, ninguém permeneceu imperito.

Mas se te aprouver ouvir algo sobre suas obras, [olha ao teu redor]. Tudo isto que vês, foi Ele que do nada o criou. Foi Ele quem fabricou a admirável máquina deste mundo. Ele pensou de cada uma das coisas que deveriam ser produzidas como deveriam ser em suas formas e espécies, e criou a beleza de todas as coisas.

Pensa, portanto, quanto não será poderoso nas coisas invisíveis, quem com tão admirável razão dispôs as visíveis.

Invoca-O, portanto, roga-O, pede-Lhe, para que tu também sejas digno de ser ensinado.

Invoca-O, ama-O. De fato, isto é invocá-Lo. Invocá-Lo é amá-Lo. Ama-O e Ele virá a ti, e te ensinará como prometeu aos que O amam:

*"Se alguém me ama, guardará a minha Palavra, e meu Pai o amará, e a ele viremos e nele faremos a nossa morada"*  
(Jo. 14, 23).

Não disse: *"Feita a morada, nós viremos"*. Mas disse: *"Viremos e faremos nele a nossa morada"*.

Eu assim o entendo, que o amante do coração puro não pode permanecer em nós a não ser que antes Ele próprio construa em nós a Sua morada. Ele, de fato, é a Sabedoria da qual está escrito:

*"A Sabedoria edificou uma casa para si"*  
(Prov. 9, 1).

E, em outra passagem, a própria Sabedoria nos manifesta onde e com o que constrói a sua casa, dizendo:

*"Eu, a Sabedoria, habito no conselho e estou entre os pensamentos sensatos"*  
(Prov. 8, 12).

E em outro lugar a alma do justo é chamada de sede da Sabedoria.

Consta, portanto, que a Sabedoria fabricou uma casa para si no coração do homem a partir dos pensamentos sensatos.

Há três coisas, portanto: o lugar, a matéria e o artífice. E, assim como dissemos, o lugar é o coração do homem, a matéria os pensamentos do coração, e a obra é dos dois, isto é, de Deus e do homem, estes dois operam simultaneamente.

Deus, de fato, que se digna habitar com os homens, não despreza quando o homem lhe prepara uma habitação. Portanto, o homem não deve desesperar ao considerar a sua imperícia ou enfermidade, devendo antes atender a quem se digna operar consigo. Deus é virtude e sabedoria, e não pode alguém virtuoso faltar, ou sábio desconhecer. Principalmente sendo Ele o mesmo que coopera quando operamos o bem e nos concede, quando não operamos, que o queiramos e o possamos. A obra de Deus, portanto, está conosco em nós, e a nossa obra está em nós por Ele. Sua obra em nós conosco é o nosso auxílio, e a nossa obra em nós é o seu dom.

Estas coisas foram ditas para que possamos

chegar ao que havíamos proposto, isto é, que depois que conheças onde, com o que e com quem deves operar, agora possas compreender como deves operar. Em toda edificação devem ser consideradas principalmente três coisas: a ordem, a disposição e uma dimensão definida, possuindo princípios e fim determinados.

Agora, portanto, resta-nos investigar qual deva ser a ordem e a disposição dos pensamentos, para que a partir deles seja construída a casa de Deus. E depois deveremos também considerar diligentemente por que razão esta casa, que construímos para a habitação divina, possa receber uma dimensão definida, se o seu morador é um Deus infinito e imenso.

O que primeiro nos propusemos a investigar seja aquilo em que por primeiro prossigamos.

**Hugo de S. Vitor**

**TRATADO SOBRE  
A ARCA DE NOÉ**

**LIVRO IV**

**CAPÍTULO IV**

**POR QUE DEUS  
FALA ESCONDIDO  
E DE MODO OBSCURO**

É fato que desde o início Deus falou com poucos, raramente, de modo obscuro e escondido.

Investiguemos as Escrituras e encontraremos que quase nunca Deus falou às multidões, mas sempre que quis ser conhecido pelos homens, não se manifestou às gentes e aos povos, mas a indivíduos, ou no máximo a alguns poucos, estes afastados da convivência geral dos homens e ou no silêncio da noite, ou nos campos, ou na solidão, ou nas montanhas.

Foi assim que falou com Noé, com Abraão, com Isaac, com Jacó, com Moisés, com Samuel, com Davi, e com todos os profetas.

Finalmente, fazendo-se carne, embora tenha falado manifestamente ao mundo, conduziu todavia seus discípulos à parte a um monte para poder manifestar-lhes a sua glória (Mc. 9, 2). Aos quais também disse:

*"A vós é dado conhecer o mistério do Reino de Deus, aos demais, porém, (apenas) em parábolas". (Mt 13, 11)*

E, em outro lugar:

*"O que vos digo nas trevas, dissei-o na luz, e o que ouvís junto ao ouvido, pregai-o sobre os telhados" (Mt. 10, 27)*

E nem àquele antigo povo o Senhor deu a sua lei no Egito, nem em qualquer outro lugar, enquanto não o conduziu separadamente à solidão. E mesmo ali não o fez diante de todos, mas somente Moisés subiu ao monte para que ali recebesse a Lei.

Por que é, portanto, que Deus sempre fala em segredo, senão porque nos chama ao segredo? E

por que com poucos, senão porque nos quer reunir?

Considerem estas duas coisas que eu disse, reunir e chamar ao segredo.

Antes que tivesse pecado, o primeiro homem não tinha problemas se Deus lhe falasse externamente, porque possuía o ouvido interno do coração pelo qual podia ouvir espiritualmente a voz de Deus. Mas depois que abriu externamente o ouvido à persuasão da serpente, fechou o ouvido interno à voz de Deus. Tendo o home perdido o ouvido interno, pelo qual ouvia alar a Deus, Deus clama, chamando-nos novamente a si a partir do exterior. Mas ao falar, sempre se subtrai, como que querendo ocultar-se, para que admoeste a mente humana ao falar de si, mas fugindo ao ocultar-se, para que o traga para si. O Senhor irrita o nosso desejo para que ele aumente, porque falando, excita o seu amor em nós, e fugindo, nos inflama para que o sigamos. Tal é o coração do homem, que se não pode alcançar o que ama, inflama-se ainda mais o seu desejo.

É assim que no Cântico dos Cânticos o esposo vêm: coloca-se atrás da parede, olha pelas janelas e pelos portões (Cant. 2, 9), como se estivesse se

escondendo e não estivesse se escondendo. Introduz a sua mão pela abertura da porta (Cant. 5, 4), toca a esposa e, ainda em meio à sonolência, chama-a com voz ténue e diz:

*"Vêm minha amiga, minha pomba; eis que o inverno passou, já se foram e cessaram as chuvas, nasceram as flores em nossa terra, ouve-se a voz da rôla em nossa terra" (Cant. 2, 11).*

Ela, ao ouvir o esposo presente, levanta-se rapidamente, apressa-se, abre o ferrolho de sua porta (Cant. 5, 6), e prepara os braços ansiosos para receber o visitante. Não pode aguardar, não pode conter-se, não pode esperar. Sua alma se liquefaz, seu coração arde, ferve, exulta, alegra-se, tripudia, enche-se de gôzo, precipita-se ao encontro daquele que vem. Mas Ele, a quem já considerava possuído, desaparece e, subitamente, escapa como que já de dentro do abraço.

O que é isto? Busca quando não era buscado, vem quando não era chamado, quando é buscado desaparece, e quando é chamado foge. Se não ama, por que vem? E se ama, por que foge?

Mas ama, e por isso vem, mas porque não ama aqui, por isto foge.



O que significa isto que acabo de dizer, que Ele não ama aqui? Neste mundo, neste século, nesta terra, nesta pátria, neste exílio. Mas nos chama à sua terra, porque semelhante amor não condiz com esta pátria, a força do amor depende do lugar.

O amor radiante busca um lugar ameno, e por isso nos recomenda a sua terra, por isso louva a sua terra, quando diz:

*"Nasceram as flores em nossa terra, as  
vinhas em flor espalharam o seu perfume,  
a voz da rôla já se ouve na nossa terra"  
(Cant. 2, 12-13),*

para que desejemos este lugar, para que desejemos esta pátria e o sigamos.

É ali que ele nos ama, é ali que ele deseja ser fruído pelo nosso amor, ali nos pede que o abracemos, ali se o seguirmos ele não fugirá, mas nos espera que venhamos a si.

Oferece-se, portanto, ao não ser buscado, para que nos inflame ao seu amor. Quando buscado foge, para que nos faça correr atrás de si. Se não se nos tivesse mostrado antes, ninguém o amaria.

E, a não ser que fugisse ao ser buscado, ninguém o quereria seguir. Diz que *"nasceram as flores em nossa terra"*, não *"na minha terra"*, mas *"em nossa terra"*, para que a compartilhe conosco.

Como se dissesse:

*"Sou para vós um mensageiro fiel, vi o que declaro, ouvi o que digo. Não queirais temer, não queirais desconfiar, não queirais hesitar. Segui-me para onde chamo, porque sois de onde venho, não tendes aqui cidade permanente. O que cultivais é passageiro. Viestes aqui de outro lugar, se vs lembrásseis de vossa pátria, não amaríeis esta peregrinação. Foi por isso que eu vim aqui, para que ali vos conduzisse, não para permanecer aqui convosco. E por isso eu vos chamo ocultamente, porque quero que me conheçais, mas não quero permanecer aqui. Por isso vos chamo de longe, pois tenho pressa em voltar. É suficiente para mim ter vindo apenas para que tivesse siso ouvido. Julgaria sofrer um dano se me entregasse às abundâncias do caminho. Toda demora é pesada. As flores nasceram em nossa terra. Aprendei o quanto deveis apressar-vos quando me*

*virdes fugindo. Não teria vindo se não vos quisesse trazer comigo".*

Esta é a causa por que Deus sempre fala escondido. Assim como na Lei, nos Profetas e no Evangelho foi através de parábolas e enigmas. É digno que sob a figura das palavras se escondam os segredos das inteligências dos mistérios, porque imediatamente se tornariam vis se prontamente a todos fossem evidentes.

Assim é que a verdade não somente exercita os fiéis pela meditação, como permanece oculta para que não seja encontrada pelos infiéis. Aos primeiros, quando se apresenta difícil, inflama a maiores desejos; aos outros, não podendo ser encontrada de nenhum modo, cega. Pelos mesmos motivos, portanto, os fiéis progredem e os infiéis caem, porque os primeiros, ouvindo com humildade e meditando fielmente as palavras de Deus, alcançam o conhecimento da verdade. Os outros, porém, por negligência, ou por desprezo, ou por um entendimento maldoso, nunca alcançam a verdade.

Explicamos por que Deus fala obscuramente e escondido. Agora falta-nos explicar por que Ele fala com poucos e raramente.